

CATEGORIA DE SUBMISSÃO: Relatos de Prática

TÍTULO DO TRABALHO: Cartografias Afroafetivas entre a caneta e o fuxico: Fuxicoralidades da Genealogia Afrodiaspórica sul rio grandense

AUTORIA: Profa Dra Lilian Soares da Silva¹

LINK DO CURRÍCULO LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7265091945630944>

COAUTORIA: Liberaci Maria Souza Soares²

PALAVRAS-CHAVE: Cartografias Afroafetivas; Fuxicoralidades; Genealogia Afrodiaspórica; Escrivência; Docência Interdisciplinar.

Cartografias Afroafetivas entre a caneta e o fuxico: Fuxicoralidades da Genealogia Afrodiaspórica sul rio grandense

Minha trajetória na educação e na pesquisa é uma cartografia de travessias movidas pela ancestralidade. Sou filha de uma mulher preta que saiu de Pelotas, no Rio Grande do Sul, rumo à capital paulista, cidade onde nasci e me constituí profissionalmente. Mesmo residindo em São Paulo e atuando como docente na Educação Básica as fronteiras geográficas nunca limitaram meu compromisso ético: mantendo-nos como arrimo de nossa família que pulsa e resiste em território gaúcho. Essa dupla jornada — equilibrar a docência paulista com o

¹ Profa Dra Lilian Soares da Silva. A formação acadêmica no Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Especialização em Educação (Educação em Direitos Humanos, Formação Pedagógica de Docentes, Educação de Jovens e Adultos e Tutoria a Distância) e Turismo (Gestão/ Guia em Turismo / Atrativos culturais). Estou professora da Educação Básica com experiência interdisciplinar nos estudos em Educação, Turismo e História, desenvolvendo pesquisas nas áreas de conhecimento e, atuando principalmente nos seguintes temas: Territórios negros (rural e urbano); Comunidade Remanescente de Quilombo; Cartografia social, afroafetiva e mapeamento socioafetivo (São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul); História afrobrasileira (escavidão); História de família e genealogia; Narrativas orais, identidade e história de si; Educação para as relações étnico raciais; Turismo e patrimônios culturais. Email: profadraliliansoares@gmail.com / lilianbv@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7265091945630944> LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/lilian-soares-da-silva-3b91a422b?trk=contact-info>

² Liberaci Maria Souza Soares. Mulher negra, 70 anos, estudiosa, interessada sobre a temática negra com foco no território sul rio grandense, artes e manualidades ancestrais de saberes tradicionais. Email: liberacimssoares@yahoo.com / liberacimssoares@gmail.com

suporte financeiro e afetivo à distância — é o alicerce da minha escrevivência, conceito de Conceição Evaristo que define o ato de o corpo negro escrever o que vive e atualizar politicamente suas realidades. Minha escrita acadêmica não se separa da minha vivência, ela se alimenta dela.

Essa postura ética impulsionou uma sólida formação interdisciplinar em Educação, Turismo e História. Durante a graduação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP-SPO) pesquisei o Afroturismo com temáticas étnico-raciais, mapeando e tensionando os pontos turísticos invisibilizados da história negra e afro-brasileira na cidade de São Paulo. Em seguida, rumei ao Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas no Recôncavo Baiano, pela Universidade Federal da Bahia, o qual, só foi possível com o “maetrocínio”, porque não tinha nenhum recurso financeiro de sobrevivência, quer seja como docente licenciada para afastamento em eventos científicos e capacitação profissional, quer seja por bolsa de estudos ou qualquer subsídio pela instituição de ensino. Ressaltando principalmente, não conhecer ninguém da cidade, desde a docentes ou discentes, não ter nenhum suporte técnico, afetivo e convivência social neste território. Todavia, a experiência de cruzar o país para residir, vivenciar e experienciar as comunidades remanescentes de quilombos e seus territórios urbanos e rurais da região metropolitana de Salvador reconfigurou minha práxis como indivíduo e coletivo. Acrescentando-se, concluo o Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, retomando as minhas próprias raízes gaúchas por meio de pesquisas e trabalhos de campo que investigam as Fuxicoralidades e os fios negros sul-rio-grandenses, tecendo uma rigorosa Genealogia Afrodiaspórica.

Toda essa bagagem territorial e epistemológica deságua diretamente na minha atuação como docente. Na sala de referência, desenvolvo projetos pedagógicos focados na Educação Antirracista, na Afrodiaspórica e, fundamentalmente na perspectiva da Educação Afrocentrada, coadunando com práticas no ambiente escolar e, expandindo-se para as famílias e responsáveis da comunidade escolar. Neste ensejo, instigando e provocando a todas/todos a compreender que o território, a circularidade e a ancestralidade são ferramentas de emancipação e sobrevivência. É nesse espaço de troca que trago à centralidade o conceito de pretuguês, cunhado por Lélia Gonzalez, isso porque, o pretuguês manifesta-se na oralidade viva, no ritmo e na agência política com que minha turma se comunica e geram suas iniciativas individuais e coletivas de ensino aprendizagem, quer seja na interação nos múltiplos espaços da unidade escolar, quer seja nas propostas pedagógicas enviadas para as residências.

Em suma, ao cruzar a História, o Turismo e a Educação, valido essas linguagens, fuxicos e saberes tradicionais não como somente percursos acadêmicos e formações complementares, mas como patrimônio, ciência e empoderamento negro da trajetória de si e do outro, das multiplicidade de áreas de conhecimento, na interseccionalidade de experiências e de processos de aprendizagem, de ensino e (re) configuração da história negra afrobrasileiras do Sudeste ao Nordeste, do Nordeste ao Sudeste.

Prova disso, evidenciamos que quando as suas marcas socioculturais e ancestrais possuem valor de mercado e relevância acadêmica, sua identidade e sua autoestima são profundamente restauradas, significando uma passagem intergeracionais de saberes, de técnicas e de processo que podem (ou deveriam) ser aprendidos na Academia, mas que por anos afínco se constitui na educação do lar, na referência e modelos de dentro e fora de casa, na vivência com o território e nas vicissitudes que a vida impera a cada uma e a cada um de nós. Barreira essas que não são simplesmente, “tinha uma pedra 🪨 no meu do caminho e, no meio do caminho tinha uma pedra 🪨”. Essa representação metafórica e poética para as populações negras e afrodescendentes representam montanhas, colinas e topos andinos de grandes proporções durante a vida, desde o seu nascimento até a conclusão de sua evolução nesse planeta Terra.

Ser uma pesquisadora paulista, permeando e desbravando diferentes territórios, paisagens e modos de vida no Brasil, percebo que a ligação com o Recôncavo Baiano, a origem familiar e a investigação no sul do país, ensina-me que educar é um ato de costura coletiva.

Quando não se existia ou tinha-se cunhado o termo Afroempreendedorismo, minha mãe já o desenvolvia em seus múltiplos empregos para a sobrevivência de si, da minha e de sua família na década de 80. Onde o seu trabalho formal era a base para conseguir as outras fontes de renda, quer seja trabalhando horas e mais horas extras, ora como sacoleira do Brás, trazendo e revedendo de roupas a tudo que suas clientes necessitavam, ora para alimentar os estômagos vazios e cansados do trabalho extenuante e estressante com salgadinhos, doces e chocolates para aquecer a alma e dar uma força extra a quem a rodeava e, si mesma para ter garra e não desistir a qualquer intempérie da vida. Seu sonho de cidade grande era galgar novos patamares e, retornar às suas origens pelotenses e ao seio familiar, mas o Universo não o quis assim, com o falecimento de nossas mais velhas e mais velhos, seu motivo maior de usufruir da aposentadoria ao lado delas e deles, esvai como água entre os dedos, como lágrimas que nunca secam, mas ficam contidas no fundo da alma e do coração humano.

Para finalizar, as fuxicoralidades, as fontes orais e tradicionais interseccionadas com os saberes compartilhados pelas mulheres negras e homens negros, nas comunidades quilombolas e agrupamentos étnicos do Recôncavo Baiano e, do meu território ancestral e de

origem no sul-rio-grandense, tensionam as legítimas instâncias de preservação da memória e produção de conhecimento afrodiaspórico na capital de São Paulo.

Por um lado, não é somente empoderamento de uma história de si e familiar pessoal, mas usufruir delas como motivação, incentivo e expansão de saberes para que todas e todos valorizem a sua trajetória, a sua caminhada  e cada nova conquista, por mais simples que seja o percurso transcorrido, transformado ou vivenciado, ele foi (e sempre será) o fio da linha e da costura   que te levará a desbravar novos projetos, lugares e territórios, que estão esperando por mim, por você, por todas e por todos nós, logo ali, seja em um labirinto que não enxergamos uma saída, quer ser o topo da montanha  com uma serração extrema, que não vemos o seu fim. Todavia, cada a cada uma de a cada um de nós nunca desistimos de nós mesmo, porque nós somos (e não deveríamos ser), o problema para a nossa solução. Por outro lado, o fomento e as políticas públicas nascem da mesma urgência que move as minhas fuxicoralidades: a necessidade vital de abrir caminhos onde o racismo historicamente tentou fechar portas.

Concluo este relato reafirmando que minha docência e minha pesquisa são fios pretos que unem o Brasil. Seguirei tensionando os espaços da Educação Básica (e nas múltiplas tentativas de ingresso, de expansão e de ampliação para Ensino Superior) com a certeza de que nossas histórias de migração, responsabilidade familiar e redes de saber tradicional são os instrumentos mais potentes para garantir o direito à memória, à produção científica e ao futuro de uma infância, juventude e adulta negra que se recusa a silenciar.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

Referências Bibliográficas e Fontes Orais

SILVA, Lilian Soares da; SILVEIRA, Isabel Orestes; LIMA, Renato Cândido de. Entre a política e a prática: cinema negro e educação antirracista nas disputas por visibilidade cultural. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo, Fortaleza*, v. 8, e15983, 2026. DOI:10.47149/pemo.v8.e15983

SILVA, Lilian Soares da; SCHWARTZ, Rosana Maria Pires Barbato. Genealogia afrodiaspórica no Rio Grande do Sul: delineando fuxicos em Canguçu e Pelotas. In: E-book

do XXXI Encontro de Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2025. p. 98-110.

SILVA, Lilian Soares da. Colcha de fuxicos: tecendo fios negros no território de Canguçu e Pelotas (RS). Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2026.

SILVA, Lilian Soares da. Quem disse que um quilombo é só de negros? Cordoaria um território indígena, negro e quilombola (1919-2019): subsídios técnicos para a elaboração do laudo antropológico da comunidade. Dissertação (Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, 2019.

SILVA, Lilian Soares da. Cartografias gaúchas: um passeio pelo território de Pelotas/RS. In: Cartografia expandida [livro eletrônico]: educação, cultura e todas as letras / organizado por Isabel Orestes Silveira, Antonio Iraldo Alves de Brito. São Paulo: Paulus, 2021.

SILVA, Lilian Soares da. Turismo étnico-afro na cidade de São Paulo: um conceito a ser empreendido. Revista Para Graduandos Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia De São Paulo - Campus São Paulo - REGRASP, 1(1), 72–98. Recuperado de <https://regrasp.spo.ifsp.edu.br/index.php/regrasp/article/view/16>.

SILVA, Lilian Soares da; SOARES, Liberaci Maria Souza. História Social da propriedade na perspectiva do território quilombola. In: SOBREIRA, D. N.; OLIVEIRA, J; E; S de; SILVA, R. S. de C. da. História Agrária: conflitos e resistências (do Império à Nova República) [recurso eletrônico] / Dayane Nascimento Sobreira, Júlio Ernesto Souza de Oliveira e Rafael Sancho Carvalho da Silva (org). Salvador: UFBA, 2020.